

REFERÊNCIA: LEFFA, Vilson J. *Interação virtual versus interação face a face: o jogo de presenças e ausências*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Linguagem e Interação. São Leopoldo: Unisinos, agosto de 2005.

INTERAÇÃO VIRTUAL VERSUS INTERAÇÃO FACE A FACE: O JOGO DE PRESENCAS E AUSÊNCIAS

Vilson J. Leffa (UCPEL)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a interação em ambiente de ensino a distância tendo como contraponto a interação face a face. Parte-se do arcabouço teórico da Teoria da Atividade, com base em Leontiev e Engeström, usando dados de cursos oferecidos de forma presencial e a distância. Quatro aspectos da interação são destacados e analisados: (1) a interação do sujeito com o objeto da atividade, enfocando o conteúdo a ser internalizado; (2) a interação com o colega na comunidade de ensino; (3) a interação com o professor; e (4) finalmente a interação com o instrumento. Na interação com o conteúdo, mostra-se que as diferenças entre os dois ambientes, do ponto de vista do sujeito, estão ligadas ao contexto em que ocorre a aprendizagem. Na interação com o colega, nota-se que os alunos superam a falta de contato face a face da aula tradicional e o sentimento de solidão do ambiente a distância, pelo desenvolvimento do trabalho colaborativo e criando uma comunidade solidária. Na interação com o professor, percebe-se que os alunos se sentem mais à vontade no ambiente virtual, construindo e compartilhando o conhecimento, não só com os colegas mas também com o professor. Foi na interação com o instrumento que apareceu a maior dificuldade no ambiente virtual, incluindo aí, falta de experiência no uso do computador, problemas técnicos de acesso à tecnologia e uma atitude às vezes negativa em relação ao uso da máquina. Na conclusão, debate-se a necessidade de ver a interação virtual como uma opção a mais de interação para uma comunidade de aprendizagem que se une para chegar a um objetivo que é compartilhado por todos.

PALAVRAS-CHAVE: Interação Virtual, Teoria da Atividade, Educação a Distância, EAD

INTRODUÇÃO

A transcrição abaixo é a tradução de uma interação autêntica de sala de aula, extraída do livro já clássico de Sinclair e Coulthard, *Towards an Analysis of Discourse: the English used by teachers and pupils*, publicado pela primeira vez em 1975 (tradução minha):

(P = Professor, A = Aluno)

P: Bem ... Temos uns objetos aqui. Levantem as mãos. O que é isto?

A: Serra

P: É uma serra, sim, isto é uma serra. O que se faz com uma serra?

A: Corta madeira.

P: Sim. Mas não precisa gritar. O que se faz com uma serra? Marvelette.

A: Corta madeira.

P: Corta-se madeira. (Sinclair and Coulthard, 1975, p. 93-94).

Para os autores, a interação típica da sala de aula consiste numa seqüência de ciclos interativos, que eles chamam de interchanges, cada um composto de três momentos, que poderíamos chamar de (1) elicitacao, (2) resposta e (3) avaliação, assim identificados, a partir da transcrição acima:

Elicitação: "O que é isto?" (Professor pergunta).

Resposta: "Serra" (Aluno responde)

Avaliação: "É uma serra..." (Professor avalia, corrigindo a resposta dada pelo aluno).

O ciclo interativo de elicitacao, resposta e avaliação parece caracterizar a aula expositivo-dialogada das últimas décadas. Veja-se, a título de ilustração, mais um exemplo, coletado aleatoriamente de trabalhos publicados na área de interação em sala de aula:

ProfC(58) - o que vocês acharam da pesquisa desse professor ?

Alxxx - silêncio

Al(38) - interessante

ProfC(59) - interessante / cinquenta e quatro por cento das escolas brasileiras tiveram problemas de vandalismo / o que vocês entendem por problemas de vandalismo?

Al(39) - má educação

ProfC(60) - má educação

(Karwoski, 2002)

Também aqui percebe-se claramente o modelo de elicitacao do professor, resposta do aluno e avaliação do professor, coincidentemente usando também como técnica de avaliação a repetição da resposta dada pelo aluno, e já iniciando o ciclo seguinte, com a próxima pergunta. Essa seqüência de ciclos interativos pode ser caracterizada como uma tendência da sala de aula presencial. A iniciativa de cada ciclo parte sempre do professor, que, embora dialogando com os alunos, não conduzindo, portanto, uma aula essencialmente expositiva, ainda assim exerce um papel centralizador, como condutor de toda a interação.

Esse tipo de interação, com essa seqüência de turnos professor-aluno-professor, não é certamente o único que ocorre na sala de aula tradicional, mas reflete aparentemente uma tendência. O questionamento que se faz aqui é o seguinte: Qual será a tendência da sala de aula a distância, em termos de interação? Como se dá a troca de informação entre alunos e professor? Qual será o papel do professor? Será também centralizador, condutor da aprendizagem e dono do saber ou dividirá seu saber com os demais membros da comunidade? Até que ponto repete-se o modelo presencial ou cria-se um novo modelo de interação? É o que

se pretende responder neste trabalho.

As duas principais justificativas para tentar responder a essas perguntas é, em primeiro lugar, o pressuposto de que a interação virtual é fundamentalmente diferente da interação presencial. Por isso, precisa ser investigada e descrita para que possa ser conhecida. A segunda justificativa, atrelada à primeira, é o fato de que há uma oferta cada vez maior de cursos a distância; esses cursos, para funcionarem adequadamente, precisam de uma base teórica que possa orientar muitas das decisões pedagógicas que devem ser tomadas no ambiente virtual. Este trabalho pretende contribuir nessa direção.

INTERAÇÃO VIRTUAL

A interação em ambiente virtual já vem despertando o interesse de professores e pesquisadores há algum tempo. Vamos resumir os achados dessas pesquisas partindo da perspectiva da Teoria da Atividade (Leontiev, 1978; Engeström, 1999), na qual o sujeito é percebido nas suas relações com o objeto a ser aprendido, relação essa feita através de um instrumento de mediação. Esse sujeito não está isolado no espaço, mas situado dentro de um contexto em que interage com outras pessoas, formando uma comunidade para atingir um determinado objetivo, que é compartilhado por todos. Estamos definindo aqui o objetivo como o conteúdo a ser internalizado, o instrumento como as tecnologias usadas num curso a distância e como membros da comunidade o professor, tutores e colegas que participam de um determinado curso. Vejamos resumidamente o que a pesquisa da área nos diz sobre cada um desses elementos, todos integrados na mesma atividade, mas separados aqui para fins de exposição.

Conteúdo

A relação do sujeito com o conteúdo dá-se sempre através de um instrumento, tanto na aula presencial como na aula virtual. É no uso desse instrumento, e nas relações que se estabelecem com os outros membros da comunidade, que aparecerão as diferenças entre o presencial e o virtual, mesmo que o conteúdo desenvolvido seja o mesmo.

Na revisão da bibliografia, algumas diferenças puderam ser detectadas, incluindo as seguintes:

- o ambiente da sala de aula é visto como mais propício à aprendizagem do que em EAD, onde o aluno às vezes tem restrições de acesso ao computador no trabalho e dificuldade de acessar em casa por disputar o uso da máquina com outros familiares (Atack & Rankin, 2002);
- a possibilidade de contato contínuo e freqüente no curso a distância é considerado melhor do que o contato que ocorre uma ou duas vezes por semana no curso presencial (Leasure, Davis, & Thievon, 2000). Em situação ideal, o aluno no curso a distância pode participar do curso a qualquer momento, comentando as mensagens dos colegas no fórum de discussão, lendo os trabalhos que eles estão submetendo nos portfólios, fazendo algumas das atividade previstas no curso. Alguns alunos podem até ficar "viciados" nas atividades interativas de um curso a distância (Kenny, 2002) ;

- as dúvidas e imprevistos podem ser facilmente resolvidos na aula presencial; no curso a distância a solução nem sempre é tão imediata. Por esse motivo, é necessário que as instruções de um curso em EAD sejam objetivas e claras, prevendo até as dificuldades que possam surgir (Swan, 2001).

Em termos de conteúdo, e partindo da perspectiva do aluno, de modo geral, não se percebe superioridade de uma modalidade sobre a outra; desvantagens de um lado são compensadas por vantagens do outro e vice-versa.

A questão do instrumento

A apropriação de qualquer conteúdo, de acordo com a Teoria da Atividade, só é possível pela mediação de um instrumento. Para que essa mediação possa ocorrer é necessário que os instrumentos sejam conhecidos e dominados pelos sujeitos num bom nível de proficiência. Essa é provavelmente a grande diferença entre a sala de aula tradicional e EAD. Na sala de aula tradicional, os instrumentos já são artefatos culturais amplamente conhecidos do aluno, como é o caso, por exemplo, do livro didático, do dicionário, da gramática e mesmo do gravador de áudio e do aparelho de televisão. Em EAD, onde o instrumento de mediação é basicamente o computador, esse domínio nem sempre está assegurado. Esse é um elemento complicador, pois na medida em que o aluno precisa aprender a usar o computador, o que seria apenas instrumento de mediação passa a ser também conteúdo da aprendizagem. Uma diferença fundamental, portanto, entre a aula presencial e a aula a distância, é o domínio que o aluno já possui dos artefatos típicos da sala de aula e a falta desse domínio em EAD. O que a literatura da área tem destacado sobre relação do aluno com o instrumento, na interação virtual, pode ser resumido em dois pontos: (1) nível de experiência do usuário em relação ao computador e (2) problemas de funcionamento do computador.

A falta de experiência no uso do computador pode afetar não só o desempenho do aluno no curso mas também sua atitude em relação à tecnologia; o computador, ao contrário de outros artefatos tradicionais, ainda permite que algumas pessoas optem por não usá-lo. Com o livro, por exemplo, essa opção não existe, já que seria muito estranho que alguém optasse por não aprender a ler. Uma atitude negativa parece estar intimamente associada à falta de competência no uso da máquina e vice-versa. A dificuldade e resistência em usar as novas tecnologias, que caracterizam a EAD, e que normalmente não existem na sala de aula tradicional é, portanto, uma primeira diferença.

Uma outra questão, apontada pela literatura da área, não diz respeito à competência ou atitude do usuário, mas a problemas de funcionamento do próprio computador, desde a dificuldade de conexão com a rede até a falta de compatibilidade entre diferentes sistemas. Enquanto o livro, por exemplo, pode ser descrito como uma tecnologia consolidada em todas os seus aspectos (já sabemos, por exemplo, qual o formato típico para a impressão de um romance, livro didático ou um conto de fadas), o computador ainda é uma tecnologia emergente, indefinida em muitos aspectos, sem padronização tanto em nível de hardware como de software.

O que é feito em EAD, incorpora os instrumentos da aula tradicional e dá um passo adiante, o que pode acarretar uma sobrecarga cognitiva no usuário (CONKLIN, 1987). Para interagir com um hipertexto, por exemplo, não basta possuir a habilidade da leitura; é preciso acrescentar a

competência hipertextual, em que várias tarefas são executadas ao mesmo tempo, exigindo uma concentração adicional do leitor para que não se perca nas diferentes trilhas que precisa percorrer.

Interação com o colega

A interação aluno-aluno tem sido apresentada como um dos aspectos de maior diferença entre a aula presencial e a distância, devido à ausência do contato físico. Muito do que se conhece sobre a interação face a face (Gumperz, 1998, por exemplo) é baseado em estudos sócio-interacionais onde o gesto, a postura, a expressão facial e mesmo a distância física entre os interlocutores são considerados aspectos importantes. Tudo isso desaparece na interação virtual, criando a necessidade de uma transposição metodológica, com novos instrumentos de pesquisa, outros procedimentos e possivelmente outros dados, com ênfase em outros aspectos, para estudar o mesmo fenômeno da interação. A idéia, portanto, é de que a interação aluno-aluno no ambiente a distância é muito diferente da interação face a face, e tem sido caracterizada, na literatura ainda incipiente da área, pelo sentimento de isolamento do sujeito, como se a ausência do contato físico não permitisse ou dificultasse a interação. O grande sucesso, no entanto, de programas que permitem a formação de comunidades virtuais, como o Orkut, por exemplo, além dos já tradicionais Correio Eletrônico, Lista de Discussão, ICQ, Chat e outros programas de trocas de mensagens, sugerem um grande potencial de interação aluno-aluno, mostrando que o problema do isolamento é apenas uma questão de falta de uso das novas tecnologias que já estão à disposição dos professores e designers de cursos.

A maior diferença que existe entre a interação face a face e a interação virtual, partindo da perspectiva do aluno, é o fato de que na educação a distância, o que acontece depende normalmente da iniciativa do aluno. Enquanto que na aula presencial o aluno está sentado ao lado do colega e, querendo ou não, acaba interagindo com ele, nem que seja através do silêncio, na aula virtual ele só interage se tomar a iniciativa de ligar o computador, entrar no ambiente de aprendizagem, digitar a senha, etc. Por isso, a preocupação maior na literatura da área não tem sido a descrição do processo, mas a necessidade de intervenção nesse processo, procurando melhorar a interação. Quatro tipos de comportamento têm sido apresentados como desejáveis para o sucesso na interação aluno-aluno: (1) participar das atividades, (2) responder aos questionamentos (3) fornecer feedback afetivo e (4) escrever mensagens curtas e relevantes ao que está sendo debatido (Thurmond, 2003).

Resumindo o que já foi estudado sobre a interação aluno-aluno na Educação a Distância, devemos destacar os seguintes aspectos:

- Em termos de satisfação pessoal, a maior parte dos alunos prefere a interação face a face da sala de aula tradicional. Na EAD, a interação ocorre com menor frequência (BILLINGS et al., 2001).
- A qualidade da interação, para alguns alunos, é maior e tem mais profundidade quando ocorre na Internet.
- Alguns alunos, com participação tímida na sala de aula tradicional, podem participar mais quando o curso é a distância.
- Feedback do professor ou colega em ambiente virtual é mais apreciado do que o

feedback presencial.

Interação com o professor

Uma diferença aparentemente importante na interação aluno-aluno e aluno-professor, é a natureza dessa interação, com ênfase, geralmente, no aspecto afetivo quando a interação é com o colega e no aspecto do conteúdo, quando a interação é com o professor. O aluno interage com o professor principalmente para esclarecer dúvidas sobre o conteúdo (quando não apenas para responder perguntas feitas pelo professor, como foi visto nas transcrições acima). A ênfase no conteúdo não diminui, mas, pelo contrário, aumenta a importância da interação com o professor, considerada pelos alunos como um dos principais fatores para o sucesso de um curso a distância (FREDERICKSEN et al. 2000).

Segundo a literatura, o que mais muda quando se passa do presencial para o virtual, é o papel do professor, visto tradicionalmente como o centro da interação, não apenas iniciando os ciclos interativos, mas ministrando aulas expositivas, com redução das possibilidades de diálogo com os alunos. Já no ensino a distância o papel do professor é mais o de facilitador (GUTIERREZ, 2000).

De um modo geral, as várias investigações realizadas (resumidas em Thurmond & Wambach, 2004), sugerem a superioridade da interação aluno-professor em ambiente virtual: os alunos adaptam-se com facilidade à presença virtual do professor, parecem mais dispostos a participar no ambiente virtual, entendem que têm mais acesso ao professor, apreciam o feedback fornecido a distância. Um fator decisivo para o sucesso de um curso a distância, na opinião dos alunos, é o contato freqüente e personalizado do professor com os alunos.

Os resultados das pesquisas feitas sobre a interação virtual – incluindo não só a interação aluno-aluno, mas também a interação aluno-professor e a relação do aluno com o conteúdo e instrumentos disponíveis – devem ser interpretados com muita cautela, principalmente porque se trata de uma área de evolução muito rápida. Os recursos apresentados para a interação virtual podem mudar completamente de um ano para outro, tanto em termos de hardware como de software. Em termos de hardware, por exemplo, a diferença de desempenho entre uma conexão discada e uma de banda larga pode trazer implicações extremamente importantes para o nível de satisfação do usuário; o uso de áudio e vídeo, incluindo a presença de webcams, pode ser extremamente impactante para a pesquisa na área, questionando conclusões de muitos estudos em que a interação era realizada através de mensagens digitadas.

O que parece seguro concluir, em termos relativos, é que há vantagens e desvantagens dos dois lados. Em termos absolutos parece óbvio, que todo o resto sendo igual, a interação face a face, no estágio atual de evolução, é superior à interação virtual. Nada substitui a presença física do professor ou do colega. Mas há diferenças também. Na sociedade em rede em que vivemos atualmente, a educação a distância não é apenas uma possibilidade mas também uma necessidade. Num mundo em que as fronteiras são constantemente derrubadas, a aprendizagem a distância permite que se altere não só as fronteiras geográficas mas também as limitações de tempo. Pela primeira vez na história, vivemos a possibilidade de compactar o

espaço e o tempo. Compactamos o espaço, por exemplo, quando reduzimos um arquivo a uma fração de seu tamanho original, ou interagimos em tempo real com uma pessoa do outro lado do planeta. Compactamos o tempo quando já temos a possibilidade técnica, através da Internet II, de transmitir uma sinfonia completa de Beethoven, de um continente a outro, em menos de um segundo ou de escolher o momento presente para participar de um fórum de discussão que pode estar acontecendo há mais de uma semana, o que não seria possível num debate presencial. De certa maneira, conseguimos subjugar o tempo e o espaço aos nossos interesses. Na medida em que a educação a distância incorpora essa miniaturização do espaço e do tempo, ela cria novas diferenças com o ensino presencial e mais razões para ser investigada.

METODOLOGIA

Os dados deste estudo foram coletados de dois cursos presenciais e dois cursos a distância, oferecidos para professores de língua materna e de língua estrangeira. Dos cursos presenciais, um foi em nível de pós-graduação lato sensu (especialização) e o outro em nível pós-graduação stricto sensu (mestrado acadêmico). Os dois cursos a distância foram em nível de extensão. O conteúdo dos quatro cursos foi a produção de material didático, mediado por computador. Há uma diferença óbvia quanto ao nível de exigência em cada um desses cursos e que provavelmente afetará os resultados em termos de interação, embora, acredita-se, que preservando os aspectos essenciais. Registra-se, no entanto, como uma limitação do estudo. Os instrumentos, nas aulas presenciais, foram questionários distribuídos no final de cada curso. Nas aulas a distância, foram usados o Webct, em um dos cursos, e o Teleduc no outro. Tanto o WebCT como o Teleduc são plataformas desenvolvidas especificamente para a Educação a Distância e incorporam, além das facilidades de registro e controle de alunos, vários ambientes de aprendizagem, como fóruns de discussão, correio eletrônico, portfólio, etc. Os dados para este estudo foram coletados, principalmente, do fórum de discussão. Os sujeitos são professores na situação de alunos, tentando desenvolver a competência específica de produzir materiais didáticos mediados pelo computador. A maioria tinha um conhecimento básico de informática, mas em nível de proficiência variado, principalmente no curso de especialização, onde a disciplina era obrigatória para todos; no curso de mestrado era opcional e nos cursos de extensão havia o pré-requisito de que os professores-alunos tivessem domínio básico do computador.

ANÁLISE

A análise será conduzida aqui em quatro aspectos: (1) a relação dos sujeitos com o conteúdo, (2) com os colegas, (3) com os professores e (4) com o instrumento. Partindo da perspectiva da Teoria da Atividade, procura-se analisar esses aspectos de modo integrado, destacando sua contextualização e o modo como se relacionam um com o outro.

Conteúdo

O objetivo a ser atingido em cada um dos cursos era aprender a usar um sistema de autoria para a produção de materiais didáticos mediados por computador. A aprendizagem de um instrumento envolve vários níveis hierárquicos, desde os processos automáticos, abaixo do nível da consciência, até o nível consciente da própria atividade. Entre os processos automáticos, podem ser listados a digitação dos caracteres no teclado, o manuseio do mouse e mesmo a integração entre o olhar e a mão. Sempre que houver necessidade de atenção a esses níveis de operação, eles deixam de ser automáticos e a atividade final será prejudicada. Tal como o motorista que precisa prestar atenção ao trânsito na sua frente e automatizar as operações do câmbio, freio e aceleração do carro, do mesmo modo o usuário competente do computador só presta atenção ao que está na sua frente, na tela do computador, não no teclado ou no mouse. O domínio do conteúdo envolve, assim, 3 níveis: (1) os automatismos das operações a serem executadas, abaixo do nível da consciência; (2) a ação que está sendo executada num dado momento (resposta a uma pergunta do texto, elaboração da pergunta, etc.) e (3) visão do objetivo final a que se quer chegar (aprender uma língua estrangeira, elaborar um curso, etc.). Na análise feita aqui, vamos nos concentrar nos níveis mais elevados e conscientes da ação e da atividade, buscando aleatoriamente alguns segmentos discursivos em que se nota dos alunos-professores alguma preocupação com o desenvolvimento do conteúdo. Vejamos os exemplos seguintes (Os nomes são todos fictícios):

Olá pessoal,

Na atividade de múltipla escolha com dicionário eu gostaria de ampliar o espaço do texto e diminuir o do professor...[Helena]

Prezada equipe do Delo,

como faço para colocar as minhas atividades no Portfólio? [Mirna]

Bom dia, Comunidade!

Andei "cutucando" o ambiente, não me pareceu complicado, mas sinto a ausência de hipertextos. Numa palestra que assisti, o Prof. falava q o Teleduc n os comporta. É mesmo verdade? [Sofia]

O que parece interessante destacar aqui é que nos três segmentos apresentados o interlocutor selecionado é sempre coletivo: "pessoal", "comunidade", "equipe". Em dois desses três casos, a pergunta é dirigida a todos; mesmo quando dirigida para quem deve saber resposta, não se dirige ao professor isoladamente, mas à equipe responsável pelo curso.

O que se percebe em relação ao conteúdo é que embora as dúvidas sejam pontuais há uma tendência no ambiente virtual de se acionar toda a comunidade em vez de se dirigir apenas ao professor como normalmente acontece no ambiente presencial.

Interação aluno-aluno

Vejamos três segmentos, coletados, também aleatoriamente, dos fóruns de discussão, com ênfase na interação com o colega:

Fiz a atividade memória da semana 4 e a anexeí. Depois apaguei para ver se resolvia o problema do x. Ao tentar anexar novamente, não consigo. A mensagem diz que ou o arquivo não existe ou é grande demais. O que fazer?

[Sara]

Olá Sara!

Será que não esqueceste de zipar ou compactar a atividade novamente?

Aconteceu algo parecido comigo, mas não tive problemas de anexá-la.

Abraços

[Rosa]

Professor,

Estou deliberadamente me intrometendo em sua conversa com a Sara, mas não pude evitar (risos).

[Rita]

A interação com o colega no ambiente virtual girou principalmente em torno do conteúdo desenvolvido nos cursos. Nos dois cursos administrados a distância formou-se uma comunidade espontânea, aparentemente solidária, sem qualquer traço perceptível de competitividade, sugerindo que o ambiente virtual teria uma tendência maior à solidariedade do que o ambiente presencial. Não se trata, porém, de uma conclusão, mas de uma provável tendência a ser verificada. Na intervenção da Rita, pedindo desculpas por se intrometer na conversa do professor com outra aluna, nota-se mais uma vez a propensão no ambiente virtual de acionar toda a comunidade. A interação aluno-aluno fica imbricada na interação com o professor.

Interação professor-aluno

O papel do professor no ambiente virtual, dentro de uma plataforma de Educação a Distância como o Webct ou Teleduc tende a ser completamente diferente do ensino presencial, num aspecto essencial da sala de aula tradicional: no ambiente virtual, nos moldes descritos neste trabalho, não há possibilidade de se ministrar uma aula expositiva. O conteúdo a ser assimilado está nos textos a serem lidos e comentados, nas atividades a serem executadas, nos debates dos fóruns, mas não no professor. Assim, o papel do professor, na interação com o aluno, é basicamente o de animador da interação. Os segmentos seguintes mostram alguns exemplos dessa interação:

Fiquei na maior expectativa, depois das palavras do professor, com certeza este curso está sendo muito gratificante, uma experiência única e enriquecedora.

Muito obrigada. [Ema]

Vamos continuar sempre, um passo depois do outro, às vezes passinhos de bebê, mas sempre pra frente. [Professor]

Gostei muito das suas ponderações, mas concordo com o Professor, não podemos recuar.

[Carmona]

O SEGREDO do SUCESSO e da facilidade em elaborar a tarefa é o uso de palavras-chave. ... Descubram o segredo e sintam o poder.) [Professor]

Colegas, tutores e coordenador:

O "sense of achievement" de um curso a distância é maravilhoso...acabo de terminar as atividades da semana 5, consegui finalmente inserir foto, zipar direito, mudar de cor de fundo, criar nova ordem para o exercício...parece bobo, e até é, mas que dá um "sense of achievement" lá isso dá!!! [Amanda]

Relação com o instrumento

A relação íntima que precisou ser estabelecida com todas as ferramentas do curso, incluindo o computador, o acesso à Internet, os diversos programas que precisaram ser usados, com destaque para o sistema de autoria aprendido para a elaboração das atividades pelos professores-alunos, foi a parte mais delicada do curso e de onde surgiu a maior parte dos problemas. Houve momentos em que o servidor saía do ar, o antivírus do computador impedia um programa de rodar, um arquivo não era compatível com o navegador disponível na máquina, e uma mensagem de erro menos ou mais assustadora poderia aparecer na tela do monitor. Segue uma amostra, aleatoriamente coletada, de alguns dos problemas encontrados e das trocas que eles geraram na comunidade do curso.

Começo minha semana mais motivada a desenvolver minhas atividades, pois agora já "domei" o ELO [Sistema de Autoria], ou será que ele me "domou"?!!!!!! [Emilene]

Olá Emilene!

Muito legal ver essa sua motivação!!! Quanto ao "domar" ou "ser domada", acredito que seja uma luta contínua nossa com a ferramenta, não? Mas me parece que estamos ganhando..) [Professor]

Ao ler os textos, responder às atividades e ler todas as mensagens do fórum, fico morrendo de vontade de já bolar as minhas atividades que serão enviadas para o meu portfólio, mas... meu micro não roda o CD. Meu laptop (minha única máquina que roda o CD) não está conseguindo se conectar à Internet... [Aline]

Aline,

Os problemas de conexão são frustrantes mesmo...Tive vários ao realizar o curso, espero que se encerrem agora.Respira fundo, daqui a pouco tudo volta ao normal. [Claudine]

Não consigo ver o que está errado. Pela hora que envio este apelo, dá para perceber quanto tentei. Mas agora não dá para continuar sem ajuda. HELP!!!!!!!!!!!!!! Quem pode me dar uma mão, um braço, ou todo o resto?(só rindo, senão eu choro ou grito). [Alda]

Embora seja provavelmente um exagero considerar o computador como um sistema complexo, nos termos da Teoria da Complexidade, o fato é que o funcionamento de qualquer programa,

por mais simples que seja, depende da conjunção de muitos outros programas para produzir resultados minimamente aproveitáveis. Um computador não é como um liquidificador, por exemplo, que funciona sempre do mesmo modo até se desgastar completamente; um computador é uma máquina instável, transformando-se a cada instante, em função dos programas que o alimentam. Essa instabilidade gera uma necessidade de adaptação constante do usuário, onde tudo o que é aprendido precisa ser revisado, atualizado e muitas vezes reaprendido.

Domínio afetivo

O aspecto afetivo da interação foi marcante, e mesmo surpreendente, nos dois cursos oferecidos a distância. Tinha-se a impressão de um pacto silencioso entre os participantes de que compensariam a frieza das máquinas com o calor de suas vozes humanas. Apesar da distância que separava os membros da comunidade, eles encontravam um jeito de se aproximar e compartilhar seus anseios num sentimento geral de solidariedade. É o que se pode perceber nos segmentos abaixo, colhidos, mais uma vez aleatoriamente, de mensagens postadas no fórum:

Vejo que compartilhamos expectativas, ansiedades, dificuldades, solidariedade, sucessos, dúvidas, opiniões, e muito mais. É como se um participante perguntasse aqui, para que a resposta ajudasse outro acolá. É pela interação com o outro e a mediação dos tutores que estamos todos aprendendo e ampliando nosso conhecimento (Vygostky estava certo!). OBRIGADA, MUITO OBRIGADA MESMO. Um abraço cheio de agradecimento e carinho aos meus novos amigos virtuais. [Alda]

Estamos todos nadando nas mesmas águas,... devagar a gente chega lá, uns primeiro, outros depois... o importante é completar a travessia. [Carmona]

CONCLUSÃO

Há diferenças fundamentais entre a sala de aula presencial e ambiente de educação a distância. Os achados deste estudo, ainda que preliminares, sugerem as seguintes conclusões: O papel do professor, como dono do saber, tem uma tendência a ficar diluído num curso a distância. O conhecimento fica distribuído entre todos os participantes, que se ajudam mutuamente, cada um contribuindo com o que acredita que sabe. O ambiente, muitas vezes competitivo da sala de aula presencial, é substituído pelo espírito de solidariedade – ou pelo menos foi o que se observou nos dois cursos descritos aqui.

A distância que separava um aluno do outro parece ter sido um fator de aproximação, auxiliado provavelmente pelo fato de estarem compartilhando de um mesmo objetivo. De alguma maneira, os participantes perceberam que trabalhando juntos atingiriam mais facilmente o objetivo final, com benefícios para todos.

A aula presencial tem um espaço e um tempo determinado, com hora para começar e para terminar. A aula virtual dilui-se no espaço e no tempo.

Há, portanto, uma tendência à diluição generalizada, envolvendo o papel do professor, a

distribuição do conhecimento, a criação de uma comunidade solidária e mesmo o tempo dedicado à execução das tarefas. Tudo o que é fixo e limitado dilui-se no ambiente virtual, transbordando do individual para o coletivo.

O que realmente conta para o ser humano não são os instrumentos de que dispomos mas a oportunidade de interagir com as pessoas que nos cercam, seja na família, seja no trabalho, seja na sala de aula presencial ou no ambiente de educação a distância. Em casos extremos, podemos interagir apenas com o artefato, o que rigorosamente falando não seria interação mas interatividade. É o caso, por exemplo, do naufrago isolado na ilha e conversando com a bola, como se ela fosse uma pessoa. Preferimos, entretanto, não ficar apenas no artefato, na interatividade, mas usar o artefato para através dele chegar à interação com as pessoas. A interação virtual, que no fundo é real, na medida em que sabemos que há do outro lado uma pessoa de carne e osso trocando mensagens conosco, não deve ser vista como uma versão limitada da interação face a face, mas como uma opção a mais de interação. Não é nem inferior, nem superior; é apenas diferente. Pode ser igualmente intensa e envolvente na criação de uma comunidade de aprendizagem. Segundo a Teoria da Atividade, o que contribui para criar essa interação é a consciência do objetivo almejado e o conhecimento dos meios que podem ser empregados para se chegar a esse objetivo. É o que sugerem os resultados desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BILLINGS, D. M.; CONNORS, H. R.; SKIBA, D. J. Benchmarking best practices in Web-based nursing courses. *Advances in Nursing Science*, v. 23, p. 41-52, 2001.
- CONKLIN, J. Hypertext: An Introduction and Survey. *IEEE Computer*, v.10, n.9, p.17-41, 1987.
- Engeström, Y. Activity theory and individual and social transformation. In: Engeström, Y.; Miettinen, R.; Punamäki, R. L. *Perspectives on Activity Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 19-38.
- FREDERICKSEN, E., PICKETT, A., SHEA, P., PELZ, W., & SWAN, K. Student satisfaction and perceived learning with on-line courses: Principles and examples from the SUNY learning network. *Journal of Asynchronous Learning Networks*, v. 4, n. 2, 2000. Disponível em <http://www.aln.org/alnweb/journal/Vol4_issue2/le/Fredericksen/LE-fredericksen.htm>. Acesso em 7 de julho de 2005.
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro (org). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119
- KARWOSKI, A. M. Interação em aulas de leitura: o discurso polifônico do professor. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 8, n. 1, 2002. Disponível em <http://www.unitau.br/prppg/publica/humanas/download/interacaoemaulas-N1-2002.pdf>. Acesso em 7 de julho de 2005.
- KENNY, A. Online learning: Enhancing nurse education? *Journal of Advanced Nursing*, 38, 127-135, 2002.
- Leontiev, A. N. *Activity, Consciousness, and Personality*. Hillsdale: Prentice-Hall 1978. (Texto

disponível em <http://marxists.anu.edu.au/archive/leontev/works/1978/index.htm> Acessado em 21 de agosto de 2004)

Sinclair, J. McH. e Coulthard, M. *Towards an Analysis of Discourse: the English used by teachers and pupils*. Oxford: OUP, 1975.

THURMOND, V. A. *Examination of interaction variables as predictors of students' satisfaction and willingness to enroll in future Web-based courses*. (Doctoral dissertation). University of Kansas Medical Center, Kansas City, KS, 2003.

GUTIERREZ, J. J. (2000). Instructor-student interaction. *USDLA Journal*, 14(3). Disponível em http://www.usdla.org/html/journal/MAR00_Issue/Instructorstudent.htm. Acesso em 7 de julho de 2005.